

'A Magia de Aruna':  
magia e preconceito  
com leveza

PÁGINAS 4 E 5



Paralamas relança  
disco e compacto  
históricos em vinil

PÁGINA 7



Morre Lanny  
Gordin, lenda da  
guitarra na MPB

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

Mariana Vianna/Divulgação

Com referências ao ABC do pop, o longa 'Cansei De Ser Nerd' fecha suas filmagens com aura de cult e fome de sucesso pra fazer de Fernando Caruso um Clark Kent carioca

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**N**o peito do Homem de Aço bate um coração que usa óculos. Já no peito de Airton, o Clark Kent vivido por Fernando Caruso no set do longa-metragem "Cansei de Ser Nerd", diástoles e sístoles fazem spinning no compasso da Liga da Justiça inteira. Dela e dos demais vigilantes que serviam como fator de cura para a solidão de um CDF gente fina, que, em sua juventude, foi acusado injustamente pelo sumiço e pelo suposto assassinato de uma colega.

Apesar de seu jeitão Charlie Brown de ser, ele chegou a ser preso por um crime que Lex Luthor algum seria capaz de ensiná-lo a cometer. Mas, no enredo filmado por um dos mais respeitados diretores de arte do cinema brasileiro - Gualter Pupo, estreante como realizador de longas -, o tempo, essa máquina de fazer monstros, pode transformar alguém que um dia teve esqueleto de Adamantium (ainda que só em sua imaginação) num mané como outro qualquer.

Essa é a intenção de Airton: perder os su-



Os personagens Airton (Fernando Caruso) e Ulisses (Pedro Benevides) em cena são como Sam e Frodo, de 'O Senhor dos Anéis'

# Isso a Marvel não mostra

perpoderes do sonhar e enfiar o pé na jaca da mesmice, a nua e crua realidade de quem confunde o Príncipe Namor com o Aquaman. Esse parece ser o seu destino na trama que está sendo filmada em Santa Teresa, tendo o Shazam da luz, Gustavo Hadba, como seu diretor de fotografia.

Produtora delegada de um filme que une as todo-poderosas Hungry Man e A Fábrica, Fernanda Kalume levou o Correio da Manhã no Castelo de Grayskull de Gualter, no pico da rotação. Lá, o diretor conduzia o que parecia ser a Porta dos Desesperados do Sérgio

Mallandro em versão Zé do Caixão. Ou seja: festa estranha, com gente esquisita, mais desmorta do que viva, numa sequência com cara de clímax que – olhada de fora – traduz um primor de engenharia visual.

“Eu me dei conta de que estava fazendo meu primeiro longa como diretor aos 55 anos, falando do que me alimentou a cabeça desde criança: gibi, seriados de televisão, filme pop... Sei que é arriscado misturar gêneros no Brasil, combinando humor, terror, suspense, sci-fi. Mas sinto que sou capaz de transformar esse mundo fantástico em algo

lúdico na metáfora do adolescente que vira adulto evoluindo com isso, no meio de uma alegoria”, transbordava Gualter, na alegria do iniciante que é senhor em muitos saberes (nas artes plásticas, na instalação), fazendo de sua locação uma maletinha do Gato Félix, de onde tudo pode sair.

“Você olha pra essa casa, adereçada, e vê 'Um Convidado Bem Trapalhão' (clássico de Blake Edwards, com Peter Sellers). Mas isso aqui vai virar um cubo, com eclipse, seita, alienígena...”

Continua na página seguinte



**N**a visita do Correio, UFOs que nem a Frota Estelar do Capitão Kirk seria capaz de cartografar se faziam notar nas peripécias de Airton. Wolverine da gargalhada, impagável como Igor na versão brasileira do musical “O Jovem Frankenstein”, Caruso lembra o Jim Carrey de “Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças” (2004) em cena. Quer esquecer-se da Gotham City que vive em sua alma, mas uma Kate Winslet do passado, Juliana (vivida por Bia Guedes), prende seus pés no lirismo de um “Caverna do Dragão” sem volta pra casa.

“Vejo uma mistura de fi-lões aqui, meio como aquele filme ‘Zumbilândia’, mas com algo de ‘Superbad’ e de ‘Mulher Nota Mil’, numa troca de registro de gêneros cheia de energia, falando de um perdedor que é adorável”, define Caruso, que arrasou na telona em “Não Vamos Pagar Nada” (2020), como um coadjuvante de luxo metido a Stallone Cobra.

Mas nessa São Silvestre do exotismo, o Rambo que quebra o coco e não arrebeta a sapucaia é ele. Não por acaso, Cissa Guimarães vive a mãe de Airton. “Estou fazendo o arquétipo do nerd, que é viciado em HQs e tem dificuldades com as regras da vida social, embora domine como ninguém as regras de ‘Tagmar’”, diz Caruso, citando um clássico jogo brasileiro de RPG. Catedrático do teatro de Tchekov, Marcello Bosshard, que já preparou estrelas para novelas e séries, estava no sete de Gualter como diretor assistente, dando uma bosta na experimentação estética de um filme que evoca “El Topo” e “A Montanha Sagrada”, de Alejandro Jodorowsky.

É difícil não pensar na lisergia do xamã chileno ao encontrar Airton em encrenca no que parece um ritual de sacrifício pagão.

Uma das roteiristas do longa e também atriz, Thaisa Damous dava a medida da sopa (suculenta) de referências de “Cansei De Ser Nerd” citando o Edgar Wright de “Todo Mundo Quase Morto” (2004), como um dos alicerces da dramaturgia enquadrada por Gualter.



O diretor Gualter Pupo e Fernando Caruso no set de filmagens, em Santa Teresa

# ‘Vejo uma mistureba de ficções aqui’

“Tem uns Easter Eggs (gíria nerdola para designar alusões) nessa história em que todos os personagens tem 40 anos. É gente de 35+”, diz Thaisa, que esquadrinhou a força feminina da narrativa, escrita por ela com Renato Fagundes (autor do argumento original), Gualter e Luiz Noronha (um dos produtores). “As mulheres do filme não estão em função do Airton e dos outros homens. Têm vida própria, têm uma função, têm desejos. É importante trabalhar piadas sem objetificação”.

Ao lado dela, o habitual ímã de sorrisos Pedro Benevides iluminava o set com as tiradas de Ulisses, melhor amigo de Airton na trama. Ele é o paladino de uma aventura

na qual Caruso é um Sméagol da nerdice tentado a virar um Gollum da caretice, trocando a capa de Superman por uma camisa Polo de almofadinha.

“Sabe aquele cara que tá contigo em tudo? Aquele irmão com que a vida presenteia a gente? É o caso do Ulisses na vida do Airton”, diz Benevides. “É uma história de amor entre amigos”.

Ulisses e Airton são como Sam e Frodo nesse “O Senhor dos Anéis” de Santa Teresa. Mas o protagonista tem em seus calcanhares seu desafeto dos tempos do colégio: Charles, papel de João Velho. “Esse filme que a gente tá rodando pega o jovem, por ser uma coisa meio coming of

age, mas bate na nossa idade também. Tenho 39 e vejo ‘Superbad’ até hoje”, diz Velho, que botou pilha pra entrada da já citada Cissa Guimarães, sua mãe, pro elenco. “Tinha um papel perfeito pra ela, com o Airton”.

Coroado com o Kikito de Gramado pela concepção de arte de “Bufo & Spallanzani” (2001), Gualter conceituou “Cansei De Ser Nerd” junto com Marcus Wagner, designer e criador do Baile do Sarongue. Sua direção de arte, exuberante já no esqueleto, lá dos sets de Santa Teresa, é de Fernanda Teixeira, que ganha um composto vitamínico sinestésico no figurino de Roberta Pupo. A trilha sonora fica por conta de Berna Ceppas,

outra grife.

“Conheço Gualter há 25 anos, e, prum cara que já fez tudo em arte no nosso cinema, era bem importante entender a identificação dele como um talento de criação com essa história. E é uma história que nos ganha pela identificação, pelo afeto”, diz Alex Mehedff, um dos produtores. “A gente tem como herói um cara que está buscando se conectar com um novo momento dele, com algo que não foi realizado”.

Mehedff divide a produção executiva com o cineasta Mário Diamante (do curta cult “Carro Forte”). “É uma comédia de autoentendimento”, define. “É uma história de conexão existencial naquele momento da vida em que a pessoa precisa decidir quem quer ser”.

Luiz Noronha, que transformou A Fábrica numa usina audiovisual, define o clima de “Cansei De Ser Nerd” como um vaudeville. “É uma comédia farsesca, numa única locação com portas e janelas num jogo de marcações do entra e sai do riso”, define Luizão, que opera em coprodução com a Paramount Pictures e Telecine, tendo distribuição da H2O Films.



# Globo acha culpado para fiascos

Emissora elege 'calor infernal' e apagões pelo Brasil como responsáveis por baixa audiência de novelas

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

**A** Globo reconhece que "Elas Por Elas" e "Fuzuê", suas atuais novelas das seis e das sete, têm problemas em relação às suas narrativas. Mas, para a emissora, os vilões das baixas médias de audiência que os folhetins vêm alcançando são outros: o calor no Brasil e os apagões recentes em capitais importantes, como Rio e São Paulo.

A emissora se baseia especialmente nos números do Kantar Ibope. Dados obtidos pela reportagem apontam que o

número de televisores ligados entre 17h e 20h na Grande São Paulo caiu quase 8%, saindo de 52% em julho para 44% em média neste mês de novembro.

É um índice muito baixo para os padrões brasileiros, que costuma sempre estar acima dos 50% no horário nobre, faixa em que as TVs brasileiras apresentam seus principais produtos.

Uma das justificativas encontradas pela Globo é que a onda de calor tem feito as pessoas ficarem mais tempo fora de casa. De fato, é normal que o número de ligados caia em dias mais quentes -- historicamente, a audiência das TVs diminui com a proximidade do verão. E, nas úl-



Remake de novela exibida em 1982, 'Elas por Elas' patina com audiência baixa

timas semanas, as temperaturas bateram recordes em São Paulo e Rio de Janeiro, onde a sensação térmica chegou a quase 60 graus.

Além disso, os apagões que atingiram essas capitais também contribuíram negativamente. Alguns bairros ainda vivem

com falta de energia frequente, especialmente em comunidades mais pobres, que são o grosso da audiência.

Entre as tramas no ar, "Elas por Elas" foi a que mais sentiu os efeitos. Desde que os apagões aconteceram, a novela teve uma derrocada maior na audiência, caindo de 16 pontos para 14 na capital paulista. Cada ponto equivale a 207 mil indivíduos.

## FERNANDO MOLICA



*"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."*

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

*"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"*

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



## RUDOLFO LAGO



Em 'A Magia de Aruna', Disney explora magia e preconceito com leveza e bom humor

# As bruxas do Rio de Janeiro

Divulgação/ Disney

Por Pedro Sobreiro

**S**eguindo com a aposta da Disney nas produções nacionais, a série 'A Magia de Aruna' estreia nesta quarta (29) no streaming Disney+. Com um elenco de peso e um texto afiado, a série conta a história de um Rio de Janeiro diferente, que vive as consequências da criminalização da magia no passado, separando a sociedade entre as pessoas comuns e os descendentes das bruxas.

Nesse contexto, três bruxas guardiãs, que se sacrificaram nos anos 1700 para proteger a magia, despertam em 2023 e acabam encontrando a jovem Mima, uma adolescente que enfrenta os desafios comuns da idade, enquanto tenta esconder seus poderes, que começaram a despertar.

A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com o elenco da série, que contou um pouco mais dos bastidores da produção e do que o público pode esperar desse projeto tão interessante.

Um dos pontos da série é a desmitificação das bruxas. Por anos, as histórias de bruxas atravessaram culturas como criaturas más e impiedosas, mas 'A Magia de Aruna' segue por um caminho inverso, trazendo à luz esse trio de feitiçeras que busca a proteção.

"Eu acho que a questão das bruxas traz para a pauta uma marginalização às pessoas que são diferentes. A pessoa que tinha um dom era afastada da sociedade, vista com maus-olhos. E não necessariamente era uma coisa má. A gente costuma deixar de lado aquilo que a gente teme, que não compreende, como é feito ainda hoje. E acho que vem muito daí



Cleo, Erika Januza e Giovanna Ewbank interpretam três bruxas que despertam no Rio de Janeiro de 2023

essa história de bruxa má e bruxa boa", comentou Erika Januza, que interpreta a bruxinha Latifa.

Já para Giovanna Ewbank, que dá vida à bruxa Juno, a série tenta mudar um pouco do preconceito sobre as bruxas.

"É superimportante desmistificar a bruxa para essa geração que está vindo agora. Que as crianças entendam que as bruxas nada mais eram que mulheres à frente do seu tempo, curandeiras. Meus filhos, quando souberam, me perguntaram: 'mamãe, você vai fazer uma bruxa? Uma bruxa má?'. E eu expliquei que a bruxa não é necessariamente má, que eles as veriam fazendo coisas muito legais. Então, é legal saber que essas crianças e adolescentes vão ter uma nova visão de bruxa", disse.

E Cleo, que faz a bruxa Cleo, na série, comentou sobre a influência do padrão social na ima-

gem negativa das bruxas.

"Eu acho que essa questão das bruxas estarem sendo mais normalizadas tem muito a ver com a questão da bruxa em si não ser uma coisa ruim e ter sido demonizada pelo patriarcado. E para compor a Cleo, eu me inspirei muito... Em mim mesma. Minha bruxa interior saúda a sua bruxa interior [risos]".

A série brinca muito com o anacrônico, porque a vida em 2023 é muito diferente do que era o mundo no Século XVIII. E em alguns momentos, a produção mostra esses conflitos de realidade das bruxinhas encarando a modernidade pela primeira vez, como na cena em que elas "descobrem" um telefone celular. Para Cleo, esse foi um dos maiores desafios do show.

"A gente trabalhou bastante na preparação sobre esses mo-

mentos de descoberta, do impacto de entender o que é novidade e da gente se sentir diferente de todo mundo. A gente precisava ficar sempre atenta", disse.

"Nós tentamos trazer o que nossas personagens eram em 1700 para 2023. Não só pelas roupas, mas pela forma de falar. E para nossas bruxinhas, eram elas que estavam arrasando. Elas estavam usando as roupas certas para a época delas, só que em 2023. E descobrir as coisas que parecem normais pra gente, hoje, como a energia elétrica, foi um desafio. A gente teve que abrir esse olhar para o novo. Tem uma cena em que a Giovanna [Ewbank] está em uma loja e ela quer pegar em tudo, como uma criança que está descobrindo um mundo novo. Isso é muito gostoso de fazer", explicou Erika.

E quando se fala de brincar

com as bruxas no audiovisual, um dos processos de criação mais interessantes é o de encontrar seu gestual mágico para soltar os feitiços. E o elenco, claro, se divertiu muito até chegar ao que é visto em tela.

"Durante a preparação, a gente foi descobrindo o gesto de cada uma. Eu acho que foi no último dia de preparação que a gente descobriu que cada uma tinha seu gesto próprio. A gente foi se entendendo e se sentindo em cena, até descobrir que cada gesto tem a ver com as personalidades", afirmou Giovanna.

"E o maravilhoso é que cada vez que uma descobria um gesto que elas gostavam, era como uma epifania. Elas se empolgavam e saíam dizendo: 'Eu achei! Achei o meu gesto!'. E queriam mostrar para todo mundo. Foi maravilhoso!", acrescentou Caio Manhente.



Série traz debates sobre a juventude e sobre a marginalização do diferente na sociedade

**E**m meio aos feitiços e magias, a série traz um discurso muito forte no texto e faz isso de forma orgânica. As comunidades dos “filhos da magia” são excluídas e vivem à margem da sociedade por quererem valorizar sua cultura. E isso passa diretamente pela roteirista da série, Maíra Oliveira, que se tornou a primeira mulher negra da história a assinar uma produção da Disney Brasil.

“A gente está vivendo esse momento na vida real, e acho que por isso conseguimos levar para a tela de forma tão natural. É uma vivência nossa, então deixou mais fácil de passar para a fantasia. E a Maíra foi genial! Ela é o símbolo disso tudo. Ela conseguiu trazer temas tão importantes de forma tão clara, nos incentivando a refletir. A gente lendo o texto já sente muito. A Maíra é a grande gênio desse projeto”, comentou Jamilly Mariano, a protagonista do show.

E isso foi uma preocupação da Disney, que tentou trazer um pouco da realidade de todos que trabalharam na série para a produção.

“Na nossa preparação, teve toda uma conversa sobre diversidade e inclusão. A Disney se preocupou muito em trazer o discurso para todos do elenco. E a série mostra que em qualquer tempo e cultura existe o lado dos discriminados. E mostraram de forma bem natural como vive um grupo de pessoas em comparação a como vive o outro lado. Isso foi muito bem retratado. E a série mostra as pessoas excluídas lutando e acreditando que podem ser aceitas, que podem conquistar os sonhos, sonhando que a magia vai voltar. A sé-



Jamilly Mariano e Caio Manhente compõe o núcleo jovem da série, como Mima e Ariel

# Fantasia e realidade se chocam

rie retrata esse discurso de uma forma muito bonita. E também fala muito sobre o meio ambiente. O que a gente está fazendo, hoje, com a natureza pode trazer consequências amanhã. Na série, pode não ter mais luz solar, ou o sol pode acabar com a gente, que é mais próximo do que a gente está vivendo hoje. É um texto que te leva para muitos lugares que conversam com quem está assistindo”, contou Erika Januza.

Mas a série dialoga diretamente com o público jovem. Ao ser

estrelada por uma adolescente, ‘A Magia de Aruna’ pautava situações típicas da idade, como o bullying e a pressão dos pais sobre os filhos.

“Esse processo da Mima com a pressão dos pais foi muito importante para que ela pudesse entender que pode seguir seu próprio caminho. Ela sempre os respeitou muito e nunca passaria por cima deles. Até porque a Mima quer, com garras e dentes, proteger quem ela ama. Mas a série a traz começando a entender como trilhar seu próprio cami-

nho, fazendo com que seus pais entendessem o lado dela. Eu tive o meu processo para entender melhor a personagem. E a Mima tem esse processo na série mesmo. Ela está entendendo o que vai fazer. Então, eu levei muito dessa minha vivência para a Mima, que estava descobrindo o mundo e a magia”, explicou Jamilly.

E a série traz no elenco um rosto que ficou bastante popular dentro do grande público com o sucesso da novela ‘Vai Na Fé’, o jovem Caio Manhente. Na série, ele interpreta

Ariel, o melhor amigo da Mima, que se diferencia bastante do Rafa, que ele viveu na novela.

“Como ator, é maravilhoso fazer personagens diferentes. A gente trabalha por isso. O Ariel veio para mim antes do Rafa, de ‘Vai na Fé’, mas é muito engraçado ver as diferenças. Acho que isso é muito desafiador, mas muito bom também. Você consegue viver vidas diferentes sem um se embolar com a outra. É bom mostrar um outro lado, até mais jovem, porque o Ariel e a Mima são muito novos. Espero que venham outros papéis, cada vez mais loucos e diferentes possíveis”, disse.

Perguntado sobre o que esperar da série, uma citação foi comum a todo o elenco: muita magia. Com seis episódios, ‘A Magia de Aruna’ chega ao Disney+ nesta quarta com a promessa de aproximar o público jovem das produções nacionais com uma série que traz reflexão em meio a situações de leveza e bom humor. Um show para toda a família. (P.S.)



## CORREIO CULTURAL

Alessandra Tolc/Divulgação



A obra será exibida às 16h no Centro Hélio Oiticica

## Performance 'Eu Sou Você' em versão no formato filme

O Centro Cultural Municipal Hélio Oiticica, na Praça Tiradentes, promove nesta quarta-feira (29), às 16h, exibição única do filme performance "Eu Sou Você". O curta-metragem é estruturado em torno de uma experimentação documental que usa os registros da performance realizada em outubro como base, adaptando sua narra-

tiva à linguagem cinematográfica.

A obra trata de temas como o desmatamento da natureza, a urbanização nas grandes cidades e a violência contra a mulher. O evento se encerra com um bate-papo conduzido por Allegra Ceccareli, artista transdisciplinar e idealizadora do projeto. A entrada será gratuita.

### É noite de Rei

Mantendo a tradição de décadas, Roberto Carlos grava nesta quarta-feira (29), às 21h, seu especial de fim de ano para a TV Globo. A apresentação será no palco do Qualistage, na Barra da Tijuca. Últimos ingressos à venda pelo site Eventim.

### Lançamento

Desde a pandemia, obras de médicos e médicas que trabalham com cuidados paliativos a pacientes terminais viraram best-seller. Nem médica vem paciente, Júlia Jalbut lança "Uma Casa Que Não Pode Cair" nesta quarta (28) na Janela Livraria.

### Ecletismo

Atriz, produtora cultural e escritora, Mônica Bittencourt ganhou o 9º Troféu Arte em Movimento de 2023 como artista em destaque pelo conjunto da obra. A artista participou este ano de um filme como atriz, produziu três peças e lançou o livro.

### Kim volta às telas

Kim Kardashian vai voltar às telas na comédia "The Fifth Wheel", que será produzida pela Netflix. A socialite atuou pela última vez em uma grande produção na temporada mais recente da série "American Horror Story", exibida no canal fechado FX.

# 'Sertão é o Mundo' descortina a universalidade de Guimarães Rosa

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

**H**á quem diga que Guimarães Rosa (1908-1967), por conta sua genialidade em criar palavras, para falar de sentimentos, descrever os tipos e a imensidão, torne difícil a sua leitura. Quando há alguém que transforma esses textos para que todas as pessoas possam usufruir de um dos maiores escritores da literatura mundial, temos um acerto de ponta a ponta. Assim é o projeto "O Sertão é o Mundo", que nesta semana faz apresentações no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF) e no Museu do Folclore.

O projeto é realizado com frequência desde 2005, quando foi criado um núcleo de estudos da obra de João Guimarães Rosa, pelo grupo teatral Canto da Viração.

As três histórias pinçadas de três livros da significativa obra do autor mineiro ganham leituras dramatizadas e musicadas - textos "Menina de Lá", do livro "Pequenas Histórias" (1956), "Conversa de Bois", de "Sagarana" (1946), e "Presepe", de "Tutameia - Terceiras Estórias" (1967) - chegam ao público de uma maneira lúdica, ecoando o espírito brincante de Guimarães Rosa, que está presente, de maneira subliminar, em muitos aspectos de sua obra.

A idealização de "O Sertão é o Mundo", para comemorar em 2005, os 50 anos da morte de Rosa, é de Ronaldo Mota e

Divulgação



Espectáculo originalmente concebido para apresentações em escolas, 'O Sertão é o Mundo' chega aos palcos unindo dramaturgia, música e dança

Divulgação



Cristiano Mota, que também fazem parte do elenco junto com Marianna Mac Niven, Claudio Mendes e o ator-músico Daniel Fernandes, que toca acordeão. As músicas são de Ronaldo e a direção de Claudio.

Inicialmente o projeto, que percorreu escolas, cobre recortes da obra roseana: crianças, mulheres, bichos.

"Agora resolvemos fazer

teatro, fazer dentro de um teatro. Ao invés de mostrar só para estudantes, um trabalho que sabemos ser tão bacana, tão legal, sobre o qual a gente se debruça há tanto tempo. Não é uma peça no sentido clássico, é uma leitura dramática. Lemos dramatizando, então é muito gostoso, muito divertido e agora a gente vai mostrar lá no CCJF, em um horário ótimo, três da tarde. Estamos arregimentando todo mundo", fala, com razão, entusiasmado o diretor Claudio Mendes."

### SERVIÇO

O SERTÃO É O MUNDO  
29/11, às 15h, no Centro Cultural da Justiça Federal - CCJF (Av. Rio Branco, 241 - Cinelândia)  
30/11, às 15h, no Museu do Folclore (Rua do Catete, 179)  
Entrada franca



Divulgação/Universal Music



# Arqueologia paralâmica

Herbert, Bi e Barone relançam versões remasterizadas de 'Cinema Mudo', seu álbum de estreia, e do compacto que impulsionou a banda rumo ao sucesso

Maurício Valadares/Divulgação



**Barone, Bi e Herbert em imagem de 1983: o nascimento dos Paralamas; no alto à esquerda, a capa de 'Cinema Mudo', álbum de estreia da banda e gravado logo após o sucesso do compacto**

"Cinema Mudo", "Vital e sua Moto" e "Química".

Ao revisitar os tapes originais, a banda tinha como principal objetivo o esmero téc-

nico: melhorar a qualidade e a experiência sonora com a tecnologia digital sem mexer nos detalhes da gravação original para não descaracterizar o som. Para isso, ouviram e

Divulgação/Universal Music



reouvaram equalizando as gravações da mesa de som, que na época tinha apenas 16 canais, o que não permitia captar todos os instrumentos ao mesmo tempo. Para a bateria, por exemplo, era necessário escolher que parte gravar, e priorizaram bumbo e a caixa.

No ouvido apurado da banda, algumas músicas apresentavam sonoridades diferentes entre elas, uma vez que o trio precisava montar e desmontar os instrumentos todas as vezes que iam gravar, já que usavam o tempo vago dos estúdios da EMI entre as sessões das então estrelas da casa. Para este relançamento, fizeram um trabalho técnico bastante minucioso, a fim de superar as limitações técnicas da época. Nenhum novo som foi acrescentado.

"Cinema Mudo" abre com o mega hit "Vital e Sua Moto", sucesso no compacto. Histórias à parte, a tracklist do álbum segue com o rock reggae "Foi o Mordomo", já apresentando um estilo que a banda desenvolveria mais pra frente. A clássica "Cinema Mudo", sucesso nos shows até hoje, foi outro hit na época, com a levada ska mais marcante e o primeiro (de muitos) temas românticos de Herbert como letrista.

A levada acelera em "Patrulha Noturna", que falava sobre as "duras" que a rapaziada levava da polícia, e segue na instrumental "Shop-stake", uma marca que também se tornaria recorrente nos futuros álbuns da banda. O disco segue com o rock blues "Vovó Ondina é Gente Fina", dedicada à avó de Bi Ribeiro, que recebia o trio em sua casa para os primeiros ensaios.

A faixa seguinte, "O Que Eu Não Disse", parceria de Herbert e Barone com o amigo de Brasília Renato Russo, é um dos belos encontros daquela época no rock nacional: poesia, romantismo e guitarra no ponto certo. Inclusive o som slide que se ouve na música foi gravado por Lulu Santos. Renato Russo também é autor de, "Química", que trazia uma pegada mais punk, gravada pela Legião Urbana dois anos depois.

"Cinema Mudo" desacelera próximo ao seu final no reggae "Encruzilhada", finalizando em "Volúpia", que já engata o caminho para a sonoridade da banda nos próximos álbuns: metais e latinidade.

**E**m celebração aos 40 anos de carreira da banda Os Paralamas do Sucesso, completados em 2023, o grupo está lançando em vinil o compacto com as faixas "Vital e Sua Moto" e "Patrulha Noturna", com áudio remasterizado e edição limitada de 300 unidades para colecionadores. Além disso, também será lançado em formato vinil o álbum "Cinema Mudo", o primeiro projeto completo da discografia do trio, formado por Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone.

Os dois projetos foram originalmente em 1983, ano em que o Brasil se apaixonou eternamente pelo talento da banda. O compacto já está disponível na loja virtual da Universal Music enquanto o álbum terá sua venda iniciada no próximo dia 8.

Item raro no mercado, o primeiro compacto dos Paralamas era o prenúncio de uma longa e bem sucedida carreira. Sobre os "Paralamas", pouco se sabia, mas o "Sucesso" foi logo escrito naquele ano com o compacto em vinil de duas faixas. A faixa-título dispensa apresentações. O ska rock foi enviado numa fita demo pela banda para a Rádio Fluminense FM, de Niterói, em 1982. A música logo conquistou a programação e os ouvintes da famosa rádio rock e a banda estourou entre os jovens da nova cena pop rock carioca, levando o trio a abrir o show de Lulu Santos, no Circo Voador, em 1983.

Com o sucesso da música, a gravadora EMI se interessou pelo grupo e sugeriu lançar o compacto para sentir a receptividade. O teste deu certo e "Vital e Sua Moto" rompeu as barreiras do Rio e estourou em todo o Brasil com sua levada rock reggae, diferente do clássico rock brasileiro de então, aliado a uma letra essencialmente jovem que expressava um sentimento tão comum à rapaziada: "Se sentir total". O Vital da canção era o primeiro baterista da banda, substituído por João Barone antes de o grupo entrar em estúdio.

Após passarem no "teste", Os Paralamas do Sucesso foram definitivamente efetivados na EMI para entrar em estúdio e gravar o LP "Cinema Mudo", lançado no mesmo ano, reunindo canções que se tornariam clássicas como



Morre, aos 72 anos, o mítico guitarrista que tocou com Caetano, Gil e Gal Costa

Por Affonso Nunes

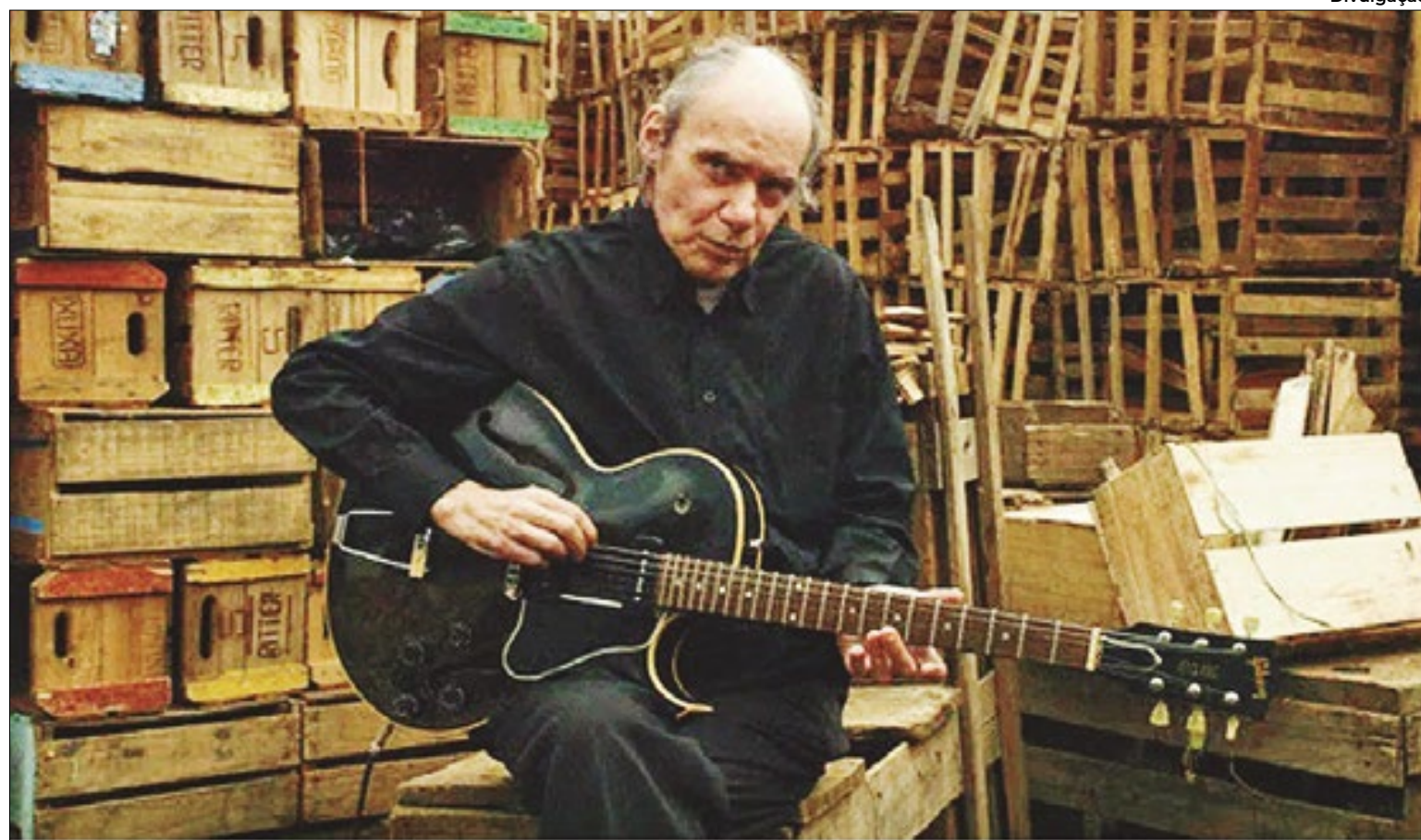
**A**lexander Gordin, conhecido como Lanny Gordin, considerado um dos mais influentes guitarristas brasileiros, morreu nesta terça-feira (28) após um mês de internação devido a uma pneumonia. A morte foi confirmada pela esposa do artista, Cristina Gordin. Por ironia do destino, Lanny deixa a vida nos mesmo dia em que completaria 72 anos de idade

Assumidamente inspirado no lendário guitarrista Jimi Hendrix (1942-1970), Lanny foi um participante ativo e determinante para o Tropicalismo e, em 1969, participou dos álbuns de Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa, além do “Brazilian Octopus” (1969), com Hermeto Pascoal.

Filho de um russo com uma polonesa, Gordin nasceu em Xangai, na China, e mudou-se com a família para o Brasil aos seis anos.

No álbum branco de Caetano Veloso, lançado em 1969, Gordin recebeu “carta-branca” do maestro e arranjador Rogério Duprat, referência musical da Tropicália, para compor, após receber uma fita apenas com a voz-guia. “Fique à vontade, Lanny. Faça como quiser”, disse ao músico.

Com Gal Costa, participou dos álbuns “Tropicália ou Panis et Circenci”, de 1968, “Gal”, de 1969, “Legal” em 1970 e de uma gravação ao vivo do espetáculo “Fa-Tal”, que se tornaria um marco de transgressão na trajetória da cantora baiana.



Gordin em cena do documentário ‘Inaudito’, que aborda o ostracismo vivido pelo músico nas últimas décadas

# A guitarra chora sem Lanny Gordin

Reprodução



O guitarrista em ação nos anos 1960

“A presença da guitarra do Lanny era fundamental, importantíssima. Ele era um grande guitarrista, maravilhoso”, chegou a dizer Gal Costa, que citou Gordin entre suas admirações em depoimento a Rogério Menezes no livro “Meu Nome é Gal”.

A partir daquele momento, Gordin passou a colecionar marcos em sua discografia. Dono de timbres rápidos e distorcidos, à moda de seu ídolo Hendrix, Gordin foi o responsável pela guitarra de “Build Up”, de Rita Lee, em 1970; do compacto

“Irene” (1970), de Tom Zé; e “Carlos, Erasmo”, de 1971, além dos reencontros com Caetano em “Transa” (1972) e “Araçá Azul” (1973) e Gil em “Expresso 2222” (1972) — mesmo ano em que também participou do clássico “Jards Macalé”. Com Tim Maia, o guitarrista fez o hit “Chocolate”.

O músico nutria uma grande admiração por Gilberto Gil. “Gil é muito inteligente. Ele dizia umas coisas sobre como viver bem, a concepção dele sobre Deus. Um lance espiritual. A nossa convivência foi perfeita”, disse Lanny em entrevista concedida em 2021.

Com sintomas de esquizofrenia, Lanny foi deixando as turnês e estúdios de lado. O ostracismo veio no final da dé-

cada de 70, associado ao desenvolvimento da doença. Aos 65 anos, foi tema do documentário “Inaudito” (2020), de Gregorio Gananian. No filme, Lanny relata sua chegada ao país e revela seus pensamentos sobre a vida e sua relação com a música.

“O próprio título do filme é uma referência a este ostracismo, vigente desde a década de 1970, após a participação do músico em vários discos e shows de ícones da MPB. Mais do que propriamente resgatá-lo, o grande mérito de ‘Inaudito’ está na habilidosa condução narrativa que não só reconhece as curiosas peculiaridades do homenageado como, também, o fato dele ser absolutamente desconhecido nos dias atuais”, destaca o crítico Francisco Russo.